

HISTÓRIA, LITERATURA E CRIME: NOTAS SOBRE A CULTURA EUROPEIA NOVECENTISTA

Cristiane Souza Borzuk¹

RESUMO: O objetivo deste texto é estabelecer relações entre história, literatura e crime, apontando para elementos constitutivos da cultura europeia novecentista. Parte-se da hipótese de que as grandes metrópoles europeias, particularmente Paris e Londres, desenvolveram um clima policialesco e investigativo em meados do século XIX, e que estes elementos podem ser encontrados na literatura elaborada naquela época. Buscaremos no entrecruzamento entre história, ciência e ficção elementos que corroborem esta hipótese. Para efeito deste trabalho, serão considerados tanto a literatura panorâmica quanto o romance policial, estilos literários próprios daquele período. O referencial teórico e metodológico é a Teoria Crítica da Sociedade.

Palavras-chave: Literatura. História. Teoria Crítica da Sociedade.

HISTORY, LITERATURE AND CRIME: NOTES ON 19TH-CENTURY EUROPEAN CULTURE

ABSTRACT: This article aims to establish relationships between history, literature and crime, pointing to constitutive elements of the 19th-Century European culture. It starts with the hypothesis that the great European metropolises, particularly Paris and London, developed a police and investigative atmosphere in the middle of the 19th century, and that these elements can be found in the literature produced at that time. We will look for, in the intersection between history, science and fiction, some elements to corroborate this hypothesis. For the purpose of this work, both panoramic literature and detective novel will be considered, as they represent literary styles typical of that period. The theoretical and methodological framework is the Critical Theory of Society.

Keywords: Literature. History. Critical Theory of Society.

O objetivo deste texto é estabelecer relações entre história, literatura e crime, apontando para elementos constitutivos da cultura europeia novecentista que indiquem o clima policialesco e investigativo que vigorou nas grandes metrópoles europeias, particularmente Paris e Londres, em meados do século XIX. Buscaremos no entrecruzamento entre história, ciência e ficção elementos que corroborem esta hipótese. Não se trata de historicizar a ficção, mas de entender que ali encontramos marcas que se apresentam como testemunhas de uma época.

¹ Doutora em Psicologia (USP-SP) e docente da Universidade Federal de Goiás/Universidade Federal de Jataí. E-mail: cristianeborzuk@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4477-123X>

Segundo Cardoso (2018), a escrita literária, ao situar-se em um tempo e em um espaço reais, tende a ser dotada de realidade, tornando-se um elemento de historicidade. Para o autor, as produções literárias são concebidas como a expressão de um tempo e de um lugar específicos, podendo, deste modo, ser consideradas uma espécie de cápsula do tempo, ou seja, como memória de um tempo e um local determinados (ARAÚJO, 2008). Para o desenvolvimento desta proposta, serão apresentados dois estilos literários próprios ao século XIX: a literatura panorâmica e o romance policial.

A multidão e a literatura panorâmica

Uma circunstância que contribuiu sobremaneira para que houvesse um clima propício ao desenvolvimento de teorias e práticas criminológicas diz respeito ao impressionante aumento da população nas grandes metrópoles. O espetáculo da multidão se faz sentir intensamente pelo indivíduo burguês. Walter Benjamin cita um trecho de um texto de Friedrich Engels, publicado em 1848, que demonstra a perplexidade de alguém que, vindo de outra realidade, ainda não tão afetada pelas consequências da industrialização, observa pela primeira vez a multidão:

Uma cidade como Londres, onde se pode vagar horas a fio sem se chegar sequer ao início do fim, sem se encontrar com o mais ínfimo sinal que permita inferir a proximidade do campo, é algo realmente singular. Essa concentração colossal, esse amontoado de dois milhões e meio de seres humanos num único ponto, centuplicou a força desses dois milhões e meio... [...] O próprio tumulto das ruas tem algo de repugnante, algo que revolta a natureza humana. Essas centenas de milhares de todas as classes e posições, que se empurram umas às outras, não são todos seres humanos com as mesmas qualidades e aptidões, e com o mesmo interesse em serem felizes? ... E, no entanto, passam correndo uns pelos outros, como se não tivessem absolutamente nada em comum, nada a ver uns com os outros; e, no entanto, o único acordo tácito entre eles é o de que cada um conserve o lado da calçada à sua direita, para que ambas as correntes da multidão, de sentidos opostos, não se detenham mutuamente; e, no entanto, não ocorre a ninguém conceder ao outro um olhar sequer. Essa indiferença brutal, esse isolamento insensível de cada indivíduo em seus interesses privados, avulta tanto mais repugnantes e ofensivos quanto mais estes indivíduos se comprimem num exíguo espaço (ENGELS *apud* BENJAMIN, 1989, p. 114).

Se o observador distante se vê perplexo diante da multidão, aquele que é parte dela sente suas consequências no corpo e na alma. Isso se mostrará, inclusive, na literatura feita naquele momento. Um curioso gênero literário desenvolve-se em Paris: a literatura

panorâmica. Considerada uma literatura do cotidiano, os textos panorâmicos mapeiam os contornos da Paris da época com grande precisão, e esta precisão fornece informações reais sobre a vida parisiense do dia-a-dia (COHEN, *apud* CARDOSO, 2018, p. 68).

Neste gênero literário, ocupam lugar de destaque as fisiologias, que são fascículos em formato de bolso e que se ocupavam da descrição dos tipos encontrados por quem visita a feira (BENJAMIN, 1989, p. 33). Inspiradas nos estudos dos fisiognomistas do século anterior, as fisiologias defendiam a ideia de que era possível conhecer o caráter, o modo de vida, a profissão etc. dos passantes pela observação e que a capacidade de conhecer seria inerente a todos.

Esses escritos, segundo Benjamin (1989, p. 35), descreviam as pessoas de maneira inofensiva e de completa bonomia. Essa forma de ver aquele que se encontra ao lado, já indicava um modo de lidar com uma nova situação. Benjamin refere-se à preponderância da atividade visual sobre os demais sentidos na cidade grande e isto devido, principalmente, ao uso do transporte público. Com o crescimento das cidades, era necessário que se mantivesse, muitas vezes por um longo período de tempo, nos trens, bondes etc., e sem se dirigir a ninguém. Esta situação era tanto nova quanto incômoda, e as fisiologias [...] eram perfeitamente adequadas para afastar como frívolas essas noções inquietantes (BENJAMIN, 1989, p. 36).

Apesar do reconhecimento de que desde a Antiguidade Clássica já havia especulações em torno da fisionomia, será apenas no final do século XVIII e início do século XIX que esta teoria se tornará mais reconhecida. Em *L'art de connaître les hommes par la physionomie* (1807), Gaspar Lavater apresenta diversos desenhos da fisionomia de homens e mulheres, submetendo-os a análises.

A ideia de que é possível reconhecer o caráter das pessoas pelo exame de sua fisionomia é muito antiga, mas será, não por acaso, no século XIX, que esta teoria se popularizará. Segundo Borzuk (2014), o *Almanach Hachette*, popular publicação francesa da época, em sua edição de 1898, publicou texto que ensinava aos leitores como poderiam identificar o caráter de seus criados a partir de suas características físicas:

O texto, ilustrado com uma dezena de retratos, correspondentes aos principais tipos fisionômicos, esclarecia os principais defeitos que se podiam esperar de cada um deles: os que indicavam a propensão para a bebida, os que eram indício de tendência para o roubo, os que denunciavam o perigo de maltratar as crianças etc. (BOBONE *apud* BORZUK, 2014, p. 37).

Como mencionado anteriormente, também a ciência se valerá deste conhecimento. Em Lombroso, um dos meios pelos quais é possível a identificação do criminoso é a fisionomia. Ela será um importante recurso na identificação dos estigmas de criminalidade, das marcas que fazem com que o criminoso seja reconhecido antes mesmo que o crime seja cometido. Segundo Lombroso,

A novidade de nossas conclusões mais combatidas é assim tão grande? Não de todo. Vós encontrareis conclusões análogas na antiguidade, em Homero quando fez o retrato de Thersite, em Salomão (Ecles., XIII, 31) quando proclamou que o coração muda a feição dos malvados. Aristóteles e Avicena, G. B. Porta e Polemão descreveram a fisionomia do homem criminal... Aquelas de nossas teorias que parecem mais ousadas foram mesmo postas em prática em tempos bem distantes de nós. Valerio e Loyseau citam um édito medieval prescrevendo: no caso de dois indivíduos serem suspeitos, aplica-se a tortura ao mais feio dos dois (LOMBROSO, 2001, p. 28).

Para ele, seus estudos confirmaram a tese de que os criminosos possuem sempre uma fisionomia particular e especial para cada forma de criminalidade. Por exemplo, os violadores frequentemente possuem olhos salientes, fisionomia delicada e lábios e pálpebras volumosos. Costumam ser frágeis, louros, raquíticos e, às vezes, corcunda. Os homicidas e arrombadores têm cabelos crespos, têm deformações cranianas, possuem ossos maxilares e tatuagens, além de cicatrizes na cabeça e no tronco. Quanto aos homicidas habituais, acrescentam-se o olhar vidrado, frio e imóvel, o nariz sempre volumoso, as orelhas longas, a barba escassa e os lábios finos. Apresentam, também, contrações de um lado do rosto que evidenciam os dentes caninos, indicando ameaça (LOMBROSO, 2001, p. 247). Essa necessidade de conhecer aquele que se encontra ao lado, já indicava um modo de lidar com uma nova e assustadora situação. Benjamin refere-se à preponderância da atividade visual sobre os demais sentidos na cidade grande.

Indicativos da instabilidade e insegurança vividas pelo homem novecentista, gerados, em grande medida, pelo advento da multidão e pelo olhar de basilisco do regime napoleônico, foi necessário o desenvolvimento de novas formas de se lidar com estas questões. O desenvolvimento da agudeza do olhar para identificar o criminoso na multidão passa a ser uma exigência. Esta necessidade de conhecer aquele que passa torna-se essencial na inquietante e, em grande medida, ameaçadora vida urbana da metrópole. Dirá Benjamin (1989, p. 37): "Quanto menos segura se torna a cidade grande, tanto mais necessário para se viver nela é assim se pensava é esse conhecimento".

Um dos aspectos ameaçadores da multidão refere-se ao fato de que nela, o criminoso, anônimo, parece estar mais protegido. Ela passa a ser considerada algo que favorece o ato antissocial e, ao mesmo tempo, o refúgio a quem o comete: *«É quase impossível ó escreve um agente secreto parisiense em 1798 ó manter boa conduta numa população densamente massificada, onde cada um é, por assim dizer, desconhecido de todos os demais, e não precisa enrubescer diante de ninguém»* (BENJAMIN, 1989, p. 38).

Neste contexto de incertezas, um ponto deve ser considerado: o expressivo aumento do número de crimes e da violência nas grandes cidades. Tão importante quanto o efetivo aumento da violência, é o aumento da percepção dos crimes cometidos em diversas regiões, em virtude, principalmente, das alterações ocorridas na imprensa na primeira metade do século XIX.

Segundo Benjamin (1989), o jornal de Girardin, *La Presse*, trouxe três inovações importantes: o romance-folhetim, introduzindo a atividade literária nos diários, o anúncio e a redução do preço da assinatura. Este último se fez acompanhar de um aumento significativo de leitores. Para o autor, em 1824, Paris contava com 47 mil assinantes de jornal e em 1846, 200 mil. Ao mesmo tempo, *«(...) a informação curta e brusca começou a fazer concorrência ao relato comedido»* (BENJAMIN, 1989, p. 23). Passa a ser parte essencial do jornal o registro de fatos comuns da cidade de Paris, como mexericos, intrigas, curiosidades, acidentes e crimes. Um fato que contribuiu para esta mudança no conteúdo do jornal foi a invenção do telégrafo elétrico. Com ele era possível receber notícias (quase sempre de crimes e acidentes) de vários lugares rapidamente, o que fez com que, segundo Benjamin, a crônica parisiense fosse substituída pela crônica de vários países.

Assim, se era apenas nas ruas de Paris que se conhecia a vida cotidiana da cidade, com o advento do telégrafo o acesso à informação torna-se mais fácil. Segundo Benjamin (1989, p. 24), *«quando, por volta do fim do Segundo Império, o telégrafo elétrico entrou em uso, o bulevar perdera o seu monopólio. Doravante, os acidentes e os crimes podiam ser recebidos de todo o mundo»*.

As fisiologias, que tinham também a função de apaziguar a inquietação surgida neste novo contexto, vão perdendo esta capacidade, e acabam por ceder lugar à literatura que se voltava diretamente para os aspectos ameaçadores da vida na metrópole. Desenvolve-se o romance policial, ganhando um espaço importante na vida da grande cidade. Se nas fisiologias a ênfase está no passante, no romance policial a trama centra-se no detetive.

Edgar Allan Poe e o romance policial

Os romances policiais surgem em Paris pela tradução dos contos de Edgar Allan Poe, por Baudelaire. Contos como *“A carta roubada”*, *“O mistério de Maria Roget”* e *“Os crimes da Rua Morgue”*, todos de Poe, nos dão a medida do clima policialesco, investigativo, presente nas grandes cidades.

O romance policial traz, como uma de suas marcas mais características, a combinação de elementos do cotidiano da cidade, como fatos ocorridos, informações jornalísticas e um tipo de narrativa que se pode considerar científicista. Um exemplo disso é *“O mistério de Marie Roget”*, de Poe. Nele, o detetive Dupin se vale de informações apresentadas pela imprensa para desvendar o assassinato de Marie Roget. O fato de utilizar apenas informações jornalísticas e em momento algum se basear em observações pessoais, nos dirige ao que, para Benjamin, seria o conteúdo social primitivo do romance policial: *“[...] a supressão dos vestígios do indivíduo na multidão da cidade grande”* (1989, p. 41). Se, como dito antes, a multidão é o abrigo para o criminoso, ela também suprime os traços da individualidade. Este tema pode ser visto também em *“O homem da multidão”*, conhecida novela de Poe. Não há ali um crime, mas encontramos a multidão, um desconhecido e alguém disposto a desvendar um crime, elementos próprios do romance policial.

Segundo Benjamin (1989, p. 38), *“[...] em tempos de terror, quando cada qual tem em si algo do conspirador, o papel do detetive pode também ser desempenhado”*. E, mais adiante, afirma: *“Com isso se compreende como o romance policial, a despeito de seu sóbrio calculismo, também colabora na fantasmagoria da vida parisiense”*.

Perpassam este tipo de literatura rigores técnicos e científicos nas ações das personagens, demonstrando o quanto a lógica científicista participava da vida cotidiana do homem comum.

Como dito, uma das marcas dessa literatura é a utilização do método científico que, nas novelas de Poe, é amplamente utilizado pelo detetive Dupin para a resolução do mistério. E não é por acaso que Poe utiliza o método científico em sua literatura. Considerado um dos grandes técnicos da literatura, em *“A filosofia da composição”* (2008), Poe afirma:

Meu propósito consiste em demonstrar que nenhum ponto da composição pode ser atribuído à intuição ou à sorte; e que aquela avançou até seu término, passo a passo, com a mesma exatidão e lógica rigorosa de um problema matemático. Posto que não responde diretamente à questão poética, esqueçamos a circunstância ou a necessidade de que nasceu a intenção de compor um poema que satisfizesse ao mesmo tempo o gosto

popular e o gosto crítico. Minha análise começa, pois, a partir dessa intenção (POE, 2008, p. 18).

Segundo Benjamin, desde a Revolução Francesa, uma série de medidas de controle foi imposta pelo governo napoleônico. Ele cita, como exemplo, a numeração dos imóveis, que se tornou obrigatória desde 1805 em Paris. Diante de tais medidas, escreve Balzac:

Pobres mulheres da França! Bem quereis permanecer desconhecidas para tecer o vosso pequeno romance de amor. Mas como haveis de consegui-lo numa civilização que manda registrar em praças públicas a partida e a chegada das carruagens, que conta as cartas e as sela uma vez no despacho e outra na entrega, que dá números às casas e que, em breve, terá todo o país, até as menores parcelas, registrado em seus cadastros? (BALZAC *apud* BENJAMIN, 1989, p. 44).

Cada vez mais rigorosa, esta crescente rede de controles tomou conta da vida diária da população de Paris, fazendo parte também, como seria de se esperar, dos procedimentos policiais utilizados para identificar aquele que comete um crime. Novos e diversificados procedimentos são utilizados para este fim, sendo todos desenvolvidos com os mais avançados procedimentos científicos da época.

A identificação do criminoso passa a ser realizada por meio de técnicas antropométricas, pelo reconhecimento da assinatura do indivíduo e, por fim, pela fotografia. Esta última foi considerada o elemento que representou o divisor de águas no reconhecimento do criminoso. Segundo Benjamin (1989, p. 45), ãa história desse processo, a descoberta da fotografia representa um corte. Para a criminalística não significa menos que a invenção da imprensa para a literatura. Pela primeira vez, a fotografia permite registrar vestígios duradouros e inequívocos de um ser humanoö.

Para o autor, o romance policial surgiu apenas quando estas conquistas foram asseguradas, sendo a principal delas a conquista sobre ão incógnito do ser humanoö (BENJAMIN, 1989, p. 45).

Considerações finais

A intenção deste texto foi estabelecer relações entre história, literatura e crime, apontando para elementos constitutivos da cultura europeia novecentista que indiquem o clima policialesco e investigativo que vigorou nas grandes metrópoles europeias, no século XIX.

Nos dois estilos literários mencionados, cada um a seu modo, é possível perceber o medo e as necessidades de adaptação frente às novidades de um mundo em transformação. De um lado, em virtude do processo de industrialização, as metrópoles novecentistas presenciaram uma radical migração de camponeses para as cidades em busca de melhores condições de vida. Entretanto, devido ao inchamento das cidades e a falta de infraestrutura, o caos social foi gerado. Favelas, epidemias, prostituição, alcoolismo compunham o cenário da nova ordem social. De outro, os séculos XVIII e XIX se viram frente à dissolução dos últimos elementos que davam sentido ao mundo feudal. Considera-se aqui particularmente o enfraquecimento da religião como forma de compreender e dar sentido às demandas da vida cotidiana. A riqueza da representação religiosa dos tempos anteriores deixa de ocupar um lugar decisivo no ordenamento das relações humanas, e as certezas que, sob o domínio da religião, garantiam segurança e estabilidade às pessoas, não mais existiam (ADORNO, 1995, p. 27).

Diante do enfraquecimento da autoridade da religião e da perceptível desordem da vida em sociedade, acompanhadas pelo advento da multidão, foi necessário ao homem novecentista o desenvolvimento de estratégias para enfrentar o horror, como a utilização do conhecimento científico como uma forma de controle sobre as ameaças da nova vida.

Como mencionado anteriormente, não se trata aqui de historicizar a literatura, mas de compreender que nela há elementos que são testemunhas de uma época, o que pode ser um elemento valioso para o conhecimento histórico. Trata-se, sobretudo, de reconhecer a natureza histórica da literatura e obter dela aquilo que foi fixado quando produzida.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Razão e revelação. In: _____. *Palavras e sinais: modelos críticos* 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ARAÚJO, Valdeí Lopes de. *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*. São Paulo: Hucitec, 2008.

BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BORZUK, Cristiane Souza. (2014). *O fortalecimento das explicações naturais para os fenômenos sociais ligados ao crime*. Tese de doutoramento. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2014.

CARDOSO, Eduardo Wright. A visualização da paisagem nacional: apreensões diversas da cor local em José de Alencar e Euclides da Cunha. *História Unisinos*. São Leopoldo, RS, Unisinos, v. 22, n. 1, p. 62-74, 2018.

_____. Uma nação para ser vista: desvelando o tempo e o espaço nacionais por meio da cor local na historiografia oitocentista. *Topoi*, Rio de Janeiro, UFRJ, v. 16, n. 31, p. 491-514, 2015.

LAVATER, Gaspar. *L'art de connaître les hommes par la physionomie*: tome VI. Paris: Prudhomme, 1807.

LOMBROSO, Cesare. *O homem delinquente*. Porto Alegre: Ricardo Lenz, 2001.

POE Edgar Allan. *A carta roubada e outras histórias de crime e mistério*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

_____. *A filosofia da composição*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.

Recebido em: 07 de setembro de 2020.

Aprovado em: 07 de março de 2021.